

## **Revitalização de Praças e Jardins nas Áreas Centrais de Cidades Médias Paulistas.**

Pompeu Figueiredo de Carvalho - Unesp, campus de Rio Claro – pompeufc@rc.unesp.br

José Francisco - UFScar, São Carlos – jfran@power.ufscar

Roberto Braga - Unesp, campus de Rio Claro – rbraga@rc.unesp.br

### **Introdução**

As áreas centrais das cidades médias paulistas estão sofrendo, em vários graus, as conseqüências do crescimento urbano, do modo de urbanização, da intensificação do uso do solo e dos modos de vida diferenciados dos vários segmentos sociais. Os centros urbanos têm grande dificuldade de atender as demandas da comunidade, apresentando diversos níveis de inadequação, obsolescência e degradação. Os espaços públicos centrais, principalmente os ‘verdes’, necessitam ser revalorizados, através de diversas ações públicas, para desempenhar o seu papel na comunidade local, desde o de imagem unitária de pertencimento da comunidade até o de amenidade, entre outros, que preservem a boa qualidade do ambiente construído para seus usuários mais diversos.

As cidades, através do poder público e dos agentes comunitários, respondem diferenciadamente a esta questão. Este trabalho pretende avaliar sucintamente a situação de três cidades em relação ao seu jardim/prança principal, através de metodologia simplificada: Rio Claro, Piracicaba e São Carlos, cumprindo assim a finalidade pública das universidades – a extensão universitária, com o intuito de iniciar e/ou dar continuidade ao um processo de desconstrução social dos espaços públicos e da cidade. As praças analisadas são:

- **Rio Claro – Jardim Público** (formado pela junção das praças XV de Novembro e Sargento Otoniel Marques Teixeira)
- **Piracicaba – Praça José Bonifácio**
- **São Carlos – Praça Cel. Paulino Carlos (Arruda Botelho) e Praça Cel. Sales**

O trabalho tem a seguinte estrutura:

#### Introdução

- 1. Gênese das praças
- 2. Caracterização Geral
- 3. Intervenções
- 4. Situação Atual
- 5. Situação Desejada
- 6. Reflexões – conclusão

Quadros de Fotografias (4)

Bibliografia

## 1. Gênese das praças/jardins públicos

### **Rio Claro:**

O Jardim Público, união de duas praças, não ocorre na gênese da cidade<sup>1</sup>, nasce da necessidade para firmar uma urbanidade demandada por uma elite rural cafeeira, e o status de vila, segundos moldes europeus, na expansão de seu tecido urbano, redefinindo e relocando o novo centro urbano. Data da metade do século XIX e seu ajardinamento foi iniciado por Siqueira Campos em 1886. Logo depois o nome foi mudado de “Jardim Público” para “Praça XV de Novembro”. Em 1990, houve o prolongamento da praça.

### **Piracicaba:**

A praça localiza-se no centro histórico de Piracicaba, no quadrilátero original do final do século XVIII, no alto da colina, à margem esquerda do rio Piracicaba, onde foi construída a primeira igreja matriz (concluída em 1816). Após várias remodelações, a praça atual é o resultado da junção de duas praças (Sete de Setembro e José Bonifácio) separadas por uma rua, ampliadas pela anexação de logradouros lindeiros.

### **São Carlos:**

A Praça Cel. Paulino Carlos está na origem da cidade nos idos de 1856, data da fundação de São Carlos. Está intimamente ligada ao mesmo tempo à elite cafeeira e à igreja católica. Compunha o quadrilátero inicial do núcleo urbano no entorno da primeira capela erigida ao santo São Carlos, nome predominante da família Botelho, de origem portuguesa, fundadora da cidade. Foi construída ao largo do ponto de pousada dos viajantes vindos de Rio Claro e que seguiam rumo de Araraquara. Tais quadras iniciais compunham o perímetro das ruas: Visconde do Pinhal, Treze de Maio, Dona Alexandrina e Episcopal. A Praça Cel. Sales data de 1884 quando se inicia, anos mais tarde, a construção do prédio do Fórum e da Cadeia, em terrenos mais altos e mais ao norte próximo ao núcleo inicial. Neste prédio hoje funciona a Câmara Municipal. É considerado o marco cívico atual da cidade, pois aí acontecem ainda as manifestações políticas. Foi chamada outrora de Largo Municipal.

---

<sup>1</sup> O povoado que deu origem à cidade de Rio Claro iniciou-se nas imediações de um largo à margem do hoje córrego da Servidão, nas proximidades do Espaço Livre da avenida Visconde de Rio Claro.

## **Lições sobre o resgate da gênese dos espaços públicos**

A criação destas praças, nos casos de Rio Claro e Piracicaba, não se deu no sítio inicial do povoado, pontos de pouso de tropeiros na formação do estado paulista, ao contrário de São Carlos. Originalmente eram largos para festejos profanos e eventos religiosos quando o estado e a igreja eram unos. Com o advento da República, ou ainda um pouco antes, mas principalmente depois, as elites viram a necessidade das funções urbanas para o suporte de suas atividades rurais. Assim, cederam terras para instituições públicas e religiosas, algumas construídas por eles próprios ou com fundos providos angariados pelos mesmos. O surgimento de funções urbanas demanda um espaço urbano que se passa a fazer segundo o modelo português das cidades fundadas no litoral brasileiro, agora influenciados pelos ingleses e franceses. A construção de cadeias, câmaras e igrejas se faz em torno de um espaço não construído, na verdade construindo um espaço, de onde as ruas partem, ou se encontram e se alargam. Os largos transformaram-se em jardins, e não em praças, no significado tradicional desses espaços resgatados por Saldanha (1993) e Segawa (1996), à semelhança das cidades européias, nas quais muitos proprietários rurais foram educados ou pelo menos visitaram. Crônicas e documentos históricos das câmaras municipais mostram que os jardins foram construídos tanto para a elite como para os trabalhadores (para controle do ócio), mas a territorialidade desses espaços foi sempre dominada pelos primeiros. A colocação de grades e pórticos fazia destes jardins um espaço coletivo dos senhorios. O resgate desta gênese, no qual o espaço se materializa e reproduz relações sociais embasadas em relações econômicas, pode ajudar a compreender a territorialidades destes espaços, ao longo da história e nos tempos atuais.

## **2. Caracterização Geral (localização, aspectos arquitetônico/paisagísticos/urbanos)**

### **Rio Claro:**

O Jardim Público, como é mais conhecido este espaço público, compreende duas quadras padrões, perfazendo 16.857,50 metros quadros, unidas por um trecho de via que as separava, mas agora incorporada. Localiza-se no centro histórico consolidado, centralizando o setor terciário, no cruzamento de vias principais. Configura-se mais como um jardim, um passeio público, onde prevalecem as áreas verdes sobre as áreas abertas pavimentadas, caracterizadas por um paisagismo eclético, mas interessante, até mesmo notável. Seu entorno sempre polarizou importantes estruturas e atividades como o Paço Municipal, teatro (de grande importância na virada do século XIX, demolido), cinema (desativado em 1997), restaurantes, bares, cafés, instituições públicas, bem como comércio, serviços e residência, realizando-se como foco das atividades cívico-culturais propiciadas pelos espaços-nichos do Jardim Público: áreas abertas e coretos. Atualmente,

incrementou-se a instalação de estabelecimentos bancários e de estacionamentos, em lotes não edificados, de veículos particulares (que tanto atende uma demanda, como funciona de reserva de valor). O início de verticalização nas faces das quadras lindeiras foi coibido pela legislação do entorno da Estação Ferroviária que foi tombada pelo Condephaat e, depois, regulamentada pelo Plano Diretor, aprovado em 1992. A paisagem urbana resultante da interface entre o jardim e os prédios lindeiros é porém pobre, visto que restam poucos edifícios de valor arquitetônico e histórico. Dos antigos ressaltam-se apenas o prédio de influência neoclássica de agência da Nossa Caixa e duas residências (uma delas fechada); dos modernos, resalta-se apenas a arquitetura moderna do prédio do Banespa. É provido de coreto e bancos (com propagandas, de gosto discutível), mas carece de cestos de lixo. Telefones públicos, caixas de correio, bancas de zona azul, são instalados sem critérios razoáveis em dissonância com a grandeza do espaço. Por outro lado, o jardim é alvo cobiçado para instalação de comércio: barracas de artesanato, quinquilharias, artigos “fake” importados, produtos pirateados, hamburgueiros etc. Estão instaladas três “bancas de jornal” (uma delas com 48,00 m<sup>2</sup>) de grande porte, sob forte interferência política. Cadeiras de engraxate são improvisadas e seus pontos deixam de ser concessão pública e na prática são propriedades particulares, pois são negociados entre terceiros sem a interveniência do poder competente. (Esta caracterização se completa com o Quadro de fotos comentadas, para cada cidade/prça, no fim do texto.).

### **Piracicaba:**

A praça ocupa uma área de 19.640 metros quadrados e localiza-se no coração da área central da cidade, junto às principais vias comerciais, servindo como ponto de passagem e ligação. Possui tanto as características de jardim, com uma área verde ampla e com boa arborização, quanto à de praça propriamente dita, com espaços livre amplos para a circulação e realização de eventos. Localiza-se na praça a Catedral de Santo Antônio, a igreja matriz da cidade. Além disso, a praça conta com uma concha acústica, onde são realizados shows periodicamente. Uma fonte luminosa ainda em atividade, um coreto, onde ainda se apresentam grupos musicais, um posto da Polícia Militar e um posto da Guarda Civil Municipal. Existem ainda duas bancas de jornal, quatro pontos de táxi e um ponto de ônibus, provido de sanitário público. A praça abriga ainda, em fins de semana alternados, uma feira de artesanato, coordenada pela Secretaria de Turismo da cidade. O entorno da praça é fundamentalmente bancário (com nove agências) e comercial diversificado de caráter mais popular (restaurantes e lanchonetes, lojas de vestuário, artigos esportivos, caça e pesca, entre outros), não havendo edifícios públicos. Deve-se ressaltar o prédio do Clube Coronel Barbosa, ainda em atividade, de valor arquitetônico e histórico. A paisagem urbana resultante da interface

entre a praça e os edifícios lindeiros é interessante, tendo em vista a notabilidade da igreja e de alguns edifícios antigos.

### **São Carlos:**

A Praça Cel. Paulino Carlos assume caráter contemplativo, possuindo diversas espécies arbustivas que perfazem um bosque entrecortado por caminhos que levam a chafariz, fonte e nichos. É o conjunto arbóreo mais importante do centro da cidade. A Cel. Sales, pode-se afirmar, é a praça do povo, desde sua origem. Entre elas há uma quadra com diversos edifícios públicos: o Palacete do Conde do Pinhal, atual sede do executivo local, o prédio do Fórum, além do Instituto Adolfo Lutz. Circundando ambas as praças podem ainda ser vistos os antigos casarões dos fazendeiros de café, alguns em processo de restauração e outro mostrando sinais de má conservação. Arquitetura bancária moderna faz-se sentir na região próxima, algumas delas em terrenos obtidos pela desconstrução de arquitetura antiga significativa.

### **Lições sobre as características das praças**

O Jardim Público de Rio Claro (embora oficialmente tenha o nome de praças) tem uma função dominante mais próxima do jardim, agora público, com a função de resgatar e colocar a natureza na cidade, onde é tão negada. Apresenta, ainda, no entanto, pequenos espaços abertos que propicia atividades cívicas e culturais, tanto públicas como privadas. Na praça de Piracicaba, que por sua vez é mais praça do que jardim, predominam os espaços abertos, embora tenha recantos onde o verde é predominante. Das três cidades, com a última reforma, foi a que mais se modificou, inclusive, em termos estéticos. Em São Carlos, as duas praças pequenas apresentam características distintas e complementares, uma vez que estão próximas. A Paulino Carlos, em frente da catedral e da Prefeitura Municipal, é um jardim, com bosques fechados e pequenos recantos abertos, alguns mais largos para abrigar fonte e chafariz. Não propicia a concentração de pessoas, inclusive de pequenos grupos. A Cel. Sales, por outro lado, principalmente, com a última reforma, privilegia os espaços abertos, hierarquizados, propiciando as mais diversas manifestações cívico-culturais. Certamente, essas diferenciações foram frutos da evolução do uso/apropriação desses espaços públicos e de suas adaptações pela sociedade em cada época. Desprende-se que há uma correlação forte entre a estruturas espaciais e usos/atividades do espaço e do seu entorno. Intervenções físicas e políticas têm que abranger essa totalidade, como será visto a seguir.

### **3. Intervenções – desconstruções da estrutura espacial**

#### **Rio Claro:**

O jardim público, quanto à área, sofreu duas intervenções. A primeira reduzindo o seu perímetro para fazer lugar para estacionamento de carros particulares e carros de aluguel. Em compensação (menor), a Avenida 1, que delimitava as duas praças (oficiais), foi incorporada ao jardim público, um ganho quantitativo e qualitativo. Seu paisagismo evoluiu com a formação de um sub-bosque onde há interação ente os vários indivíduos vegetais – arbóreos, arbustivos, herbáceos e rasteiros-, sendo dominante, substituindo o paisagismo original de influência européia. A mureta que fechava o jardim e as entradas em pórticos de ferro trabalhado, a "gruta do leão", bem como os antigos bancos foram retirados. Monumentos (bustos de personalidades locais e nacionais) e obras de arte (a do índio, a de Diana e a do Anjo da concórdia) foram acrescentados, o coreto foi substituído. De certa maneira, a evolução desta estrutura urbana evidencia gostos e costumes típicos de uma cidade, com todas as suas vicissitudes. No entanto, pode se entender que não sofreu mudanças radicais, por ter outras praças próximas e o Espaço Livre da Visconde de Rio Claro que foram pensados para usos mais modernos (com a prática de esportes,incluindo os radicais).

#### **Piracicaba**

A praça atual é o resultado da junção de duas praças (Sete de Setembro e José Bonifácio) separadas por uma rua. Em 1945 as duas praças foram unificadas e a praça foi remodelada. A antiga matriz foi demolida para dar lugar à atual Catedral de Santo Antônio. Na remodelação da praça foi feita a retirada de árvores e a abertura de espaços livres, que deram à praça a característica de um imenso pátio entremeado de canteiros. Outra reforma que merece destaque foi a demolição do antigo Teatro Santo Estevão (do final do séc. XIX), para ampliação da praça. Em 1980, foi feita outra reforma na praça, com a incorporação de duas ruas lindeiras como ruas de pedestres, o que tornou a praça ainda mais ampla. Outro fato relevante foi a incorporação de uma quadra vizinha à praça, resultado do desabamento de um edifício ali localizado, no final da década de 1960. Tal fato causou comoção na cidade por muito tempo e o local acabou por não ser reedificado, sendo incorporado à praça e onde se localiza atualmente a concha acústica. É um caso interessante, pois diferentemente do que ocorre habitualmente, quando a praça cede espaço para o entorno, nesse caso foi a praça que avançou sobre as áreas lindeiras.

**São Carlos:**

A Praça Paulino Carlos, apesar da sua exuberância de plantas e árvores, dá sinais de dificuldades na sua manutenção – seu belo chafariz já não funciona há tempos – e como se isso não bastasse, teve a face sul invadida por estacionamento de veículos e quiosques metálicos de comércio de alimentação. A Praça Cel. Sales sofreu, no início da década de 1980, uma brusca mudança no seu desenho e composição paisagística com a sua total remodelação, tornando-se uma “praça de concreto”, com diversos planos de piso na superfície dificultando a concentração de pessoas. Ao lado do edifício da Câmara Municipal foi instalado um ponto de táxi dificultando o acesso dos usuários a esse espaço. Conta com estacionamento de veículos, pouco utilizado, no subsolo.

**Lições das intervenções**

A sociedade muda, usos tornam-se obsoletos e outros aparecem, atividades desaparecem e novas surgem, demandando transformações nos espaços – construções que implicam destruições – portanto, desconstruções. O resgate da história dessas transformações é importante para tomarmos consciência e responsabilizarmos por essas transformações, inclusive, para as gerações futuras. A destruição do Teatro Santo Estevão para ampliação da praça de Piracicaba, a retirada das grades e dos pórticos do jardim de Rio Claro e o abrigo de táxis nas praças das três cidades, hoje são questionáveis. Mas as mudanças, ou as pressões por mudanças nos usos e nas estruturas continuam. É necessário aprender com os erros e acertos, buscando ganhos, mas assumindo conscientemente e democraticamente perdas na construção das praças, jardins e parques, dos espaços públicos, a cidade.

**4. Situação Atual – evolução de usos e problemas****Rio Claro:**

O Jardim Público ainda funciona como jardim e praça, como lugar de passeio e de repouso e de encontro e de manifestações cívicas e populares. A mudança do uso do solo no seu entorno faz com ela seja bastante usada no expediente comercial nos dias de semana, ficando quase deserta nos outros horários, ensejando um espaço do medo. É circundada por um tráfego intenso de veículos e seu espaço é pressionado para ocupação comercial: ambulantes (fixos), barracas, bancas de jornal, ciganos, prostitutas, tráfegos de drogas, de certo modo ainda sobre controle das autoridades competentes. Há uma tendência de privatização e coletivização efetiva do Jardim. A localização de

barracas de produtos baratos, bancas de jornal, hamburgueiros e até mesmo monumentos são objetos de intermediação política informal. Esses ocupantes são verdadeiros posseiros deste espaço público e não concedem rediscutir essa inescrupulosa territorialidade conquistada. Desta maneira, este espaço tem sido abandonado por segmentos da população que procuram outros espaços, como os shopping centers, lojas de conveniências em postos de combustíveis, por exemplo, enfim o lazer pago e privado. Eventualmente, e dependendo de administrações municipais diversas, algumas atividades são programadas para o Jardim Público. Outras são de iniciativa popular, com suporte da administração municipal, como é o caso das serestas nos domingos de manhã, (no entanto, monopolizando esse tempo em espaço de domínio público), e tem sido referência regional. Contraditoriamente, não usam o coreto, mas um palco com estética leiga, construído por eles mesmos e que só podem ser usado por eles. No entanto, as atividades precisam ser mais sistemáticas e de melhor qualidade, visando sempre o interesse público maior. Com a tendência de localização de edifícios multi-residenciais, o centro volta a ser potencialmente uma área de vizinhança para essa população, principalmente a infantil. À noite, no entanto, o jardim é vazio, por ser evitado pela população vizinha e transeunte, por questões de segurança.

### **Piracicaba**

A praça funciona como jardim e praça, como lugar de encontro e de lazer, sobretudo dos moradores da área central, que vem se caracterizando por lugar de pessoas da terceira idade. A praça, apesar de não possuir “playground” é bastante utilizada por crianças, para a prática do ciclismo, devido a seus espaços livres amplos. Outro aspecto pitoresco é a existência de carrinhos de passeio para crianças, puxados por idosos, uma atração característica da praça. Há também uma boa quantidade de carrinhos de cachorro quente na praça, que são utilizados no horário comercial, como alternativa de alimentação barata pelos circunstantes. Durante a semana existem algumas poucas barracas de artesanato e alguns “hippies” que utilizam o espaço para venda de artesanato de forma improvisada (lona estendida no chão). Não há na praça o fenômeno do camelô ou “marreteiro” vendendo produtos “do Paraguai”. Aos fins de semana ocorre, alternadamente, uma feira de artesanato promovida pela Prefeitura. A concha acústica é periodicamente utilizada para shows e eventos. O coreto também é utilizado, com certa frequência, para apresentações musicais. Às noites a praça é muito pouco freqüentada. O Clube Coronel Barbosa junto á praça, quando realiza atividades noturnas (em geral bailes) ainda anima o entorno da praça, mas é muito pouco. Apesar de seu uso relativamente intenso, nota-se um relativo sub-aproveitamento do espaço da praça que poderia ser mais valorizado. As atividades aos fins de semana ainda são poucas. São poucos os edifícios residenciais no entorno da praça, apenas um e nas imediações também não são

muitos, em boa parte habitados por idosos; desse modo, seria interessante pensar em usos voltados para essa faixa etária.

### **São Carlos**

Ambas as praças analisadas são circundadas por tráfego veicular nada desprezível, tornando o acesso a elas no mínimo desconfortável. A exceção seria o acesso à Praça Paulino Botelho pelas ruas Conde do Pinhal e Treze de Maio. Por esta última, para se dirigir a praça, deve-se atravessar o espaço cedido ao estacionamento de veículos e aos quiosques de alimentação.

Admite-se que a Praça Cel. Sales esteja perdendo seu caráter de praça de concentração de pessoas. Recentemente foi reformulada a Praça do Mercado, na “baixada do mercado” com a retirada do comércio ambulante do local e transferido e organizado em barracas desenhadas para outro local. Ela ganhou mais espaço também com o recobrimento de um trecho do córrego do Gregório. A Praça do Mercado desponta como futuro local de manifestações públicas de São Carlos.

### **Lições das situações atuais – usos e problemas**

As praças nessas cidades são espaços privilegiados por vários motivos, desde os comerciais, até os políticos e simbólicos. Por exemplo, muitos prefeitos querem fazer qualquer coisa para marcar a sua presença no espaço mais importante da cidade, assim, intervenções desnecessárias e desastrosas são feitas: um novo coreto, uma nova iluminação, um relógio com o símbolo de clube de serviço, um busto de parente ou um ponto comercial de um padrinho político etc. É necessário, portanto, uma gestão democrática desses espaços, com regras claras e transparentes. Em certas horas, estes espaços são ociosos, principalmente em Rio Claro e São Carlos, em contraste com a pressão de uso em outros dias e horários. Programar o seu uso, readaptando a suas estrutura espaciais, é prioridade.

## **5. Situação Desejada – potencialidade, possibilidades e impasses**

### **Rio Claro**

O Jardim Público é bem localizado, possui um paisagismo peculiar, com uma vegetação rica, diferenciada de outras praças similares, e ainda é um símbolo para os rio-clarenses. Pequenos melhoramentos, melhor programação de atividades e melhor controle do seu uso, concedido e público, poderiam reativar esse espaço público para melhor desempenhar esta função e vocação indispensável à vida urbana. Um fomento para instalação de bares, restaurantes, sorveterias na área lindeira e adjacências propiciaria o melhor uso deste rico espaço público.

### **Piracicaba**

Devido aos grandes espaços abertos, propícios e necessários para grandes eventos, esses espaços se tornam abrigo de muitas usos e atividades. Assim, uma melhor regulação dos usos e coordenação das atividades é necessária. Apesar da união de duas praças para a configuração da atual praça, um canteiro central divide esse espaço, se não visualmente, dificultando a circulação. Não há graves problemas, mas a qualidade total nesses espaços é imprescindível para a sua valorização e o respeito dos usuários.

### **São Carlos**

A quadra que separa as duas praças deveria sofrer um processo de intervenção com o objetivo de integrá-las, face aos inúmeros edifícios públicos existentes. Desta maneira pode-se ter no futuro um espaço rico plasticamente e único no tocante ao tamanho e a novas possibilidades de uso para a cidade. Deve-se prever a incorporação nesse espaço do trecho da rua Major José Inácio. Desta forma pode-se fugir, com esse novo espaço, aos constantes alagamentos que desde 1932 afligem a população da região do Mercado .

### **Lições sobre as situações desejadas**

Um diálogo entre o saber de ofício e os desejos da gente local é imprescindível. Não são só estes espaços públicos que empobreceram, mas também a própria participação do cidadão na vida pública. Estruturas e funções públicas precisam ser revitalizadas e esse deve ser um processo interativo entre poder público e público realizando a cidadania na construção das cidades

## **6. Reflexões para uma política de revalorização das praças centrais, dos centros históricos urbanos, das cidades – à guisa de conclusão**

Em uma sociedade cada vez mais privatista, consumista, egoísta e desigual, mais do que nunca é necessário criar e valorizar **espaços públicos** para resgatar uma sociedade mais solidária. A cidade é o espaço privilegiado para se construir a cidadania, que passa pela construção solidária da cidade. A inclusão social começa pela inclusão política que prescinde de espaços públicos que propicie convivialidade, posteriormente a solidariedade e conseqüentemente projetos políticos. O uso público desses espaços públicos demandará forçosamente melhorias na sua estrutura e estas melhorias fomentarão e propiciará novas interações públicas que enriquecerão os cidadãos. A

revitalização desses espaços públicos propiciará repensar também o centro urbano histórico e progressivamente toda a cidade e o cotidiano urbano.

### **Sobre o espaço público**

Uma das maneiras de classificar os espaços urbanos é a distinção entre lugares públicos e lugares privados. A cidade, em sua acepção primitiva de *polis*, era compreendida como uma dimensão essencialmente pública, ou política, do ser humano: o homem é, antes de tudo, um animal político. O elemento essencial da *polis*, como lugar de civilização, sempre foi a sua dimensão pública. Essa dimensão vem sendo solapada na cidade moderna. Os espaços públicos tornam-se cada vez mais privados. O coletivo cede lugar ao individual, seja no circular, no morar, ou no recrear. A paranóia da violência urbana justifica o aprisionamento dos espaços livres, tornando-os privados, no sentido etimológico, lugares de privação.

Para Harendt (1989) a esfera pública é a esfera do comum, assim como a esfera privada é a esfera da propriedade. Esta autora nos lembra que o termo “público” possui dois significados essenciais. A primeira conotação diz respeito ao fato de que “tudo que vem a público pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível. Para nós, a aparência – aquilo que é visto e ouvido pelos outros e nós mesmos – constitui a realidade” (op. cit, p. 59). É nesse sentido que utilizamos o termo “opinião pública” ou “publicidade”. Assim sendo, a esfera pública se opõe à esfera privada, como a objetividade se opõe à subjetividade.

O termo público também pode significar o próprio mundo, o mundo comum que nos é exterior, que é um produto de todos e que nos une:

“Conviver no mundo significa essencialmente ter um mundo de coisas interposto entre os que nele habitam em comum, como uma mesa se interpõe entre os que se assentam ao seu redor; pois como todo intermediário, o mundo ao mesmo tempo separa e estabelece uma relação entre os homens”.(op. cit, p. 62)

A esfera pública é, portanto, a esfera da política, enquanto exercício da cidadania. Habermas (1984) nos lembra que “público” e “privado” são categorias que têm origem na cidade-estado grega, num modelo ideológico que se mantém até nossos dias: a esfera da *polis*, comum aos cidadãos livres, e a esfera do *oikos* (casa), restrita a vida particular de cada indivíduo:

“Só à luz da esfera pública é que aquilo que é consegue aparecer, tudo se torna visível a todos. Na conversação dos cidadãos entre si é que as coisas se verbalizam e se configuram; na disputa dos pares entre si os melhores se destacam e conquistam a sua essência: a imortalidade da fama. Assim como nos limites da *oikos* a necessidade de subsistência e a manutenção do exigido à vida são escondidos com pudor, a *polis* oferece campo livre para a distinção honorífica: ainda que os cidadãos transitem iguais (*homoioi*), cada um procura, no entanto, destacar-se (*aristoiein*). As virtudes, cujo catálogo Aristóteles codifica, matem apenas na esfera pública: lá é que elas encontram seu reconhecimento”. (HABERMAS, 1984, p. 16)

Outro aspecto relevante apontado por Habermas é que espaço público, enquanto lugar onde o público se reúne para formar a “opinião pública”, apresenta-se como um órgão de intermediação entre a sociedade civil e o estado. Nesse sentido, devemos entender a praça como o espaço público por excelência, o lugar onde o individual torna-se coletivo, o privado torna-se público e o público forma a opinião pública. Mais que lugar de lazer, a praça é o lugar da cidadania. O declínio da praça é o declínio da esfera pública, da política e do cidadão.

### **Sobre as estruturas dos espaços públicos- praças e jardins -, centros históricos e cidades**

Há muita confusão sobre a nomenclatura dos espaços públicos no Brasil (de modo diferenciado isto também ocorre em outros países). É necessário aprender da história geral e da nossa história para se poder pensar, conceber/planejar/projetar e desconstruir esses espaços nos tempos de hoje, nas nossas cidades. A leitura de Saldanha (1993) e Segawa (1996) oferece grande contribuição para a compreensão do jardim e da praça. Nas suas gêneses são espaços distintos e complementares, mas é preciso entender a simbiose que se fez no Brasil, necessariamente, ou peculiarmente, desses espaços. Não se trata de disfunção ou aspecto negativo, mas de um enriquecimento de conteúdos desses espaços arquetípos que também se manifestam na estrutura e na forma (plástica). No Brasil, não haverá espaço para uma praça São Marcos ou Plaza Mayor (Madrid). A praça dos Três Poderes (Brasília) apesar de atípica, é um vazio humano. O enorme espaço verde do canteiro central do eixo monumental de Brasília é também ocioso. O verde invadiu a praça no Brasil. Os espaços abertos invadiram os jardins e parques. Esses espaços radiccionais foram desconstruídos e seus conceitos também devem ser.

A clareira, o pátio e a rua são os espaços ancestrais dos espaços públicos modernos – a praça, o jardim público, o parque – que refletem a sociabilidade do homem no seu processo civilizatório contínuo – as sociabilidades se transformam e evoluem e os espaços devem ser e são recriados. As cidades brasileiras se modificaram e contemporaneamente apresentam problemas inéditos: a concorrência dos shopping centers, um novo modo de vida consumista e privatista e a pressão dos problemas sociais. Repensar estes espaços não é uma tarefa apenas de arquitetos, mas de geógrafos, sociólogos, antropólogos e políticos. Os espaços públicos são o berço do processo civilizatório, das leis, da sociabilidade fraternal, da festa, da cultura. Mais ainda, é um dado ancestral antropológico do homem, modifica-se, mas não se finda, sublima-se (hoje virtualmente), mas não se extingue. Carece-se de utopias, o mundo. O repensar dos espaços públicos nos remete a repensar os centros históricos, a cidade e todos os seus espaços públicos como um sistema integrado (não necessariamente hierarquizado, mas rico em escolhas), congregando/segregando as várias atividades (o sagrado e o profano, a mente e o corpo, o civil e o militar, o ócio e o trabalho etc.), os vários segmentos sociais, etários, ideológicos, religiosos, culturais.

## QUADRO 1 - CARACTERIZAÇÃO GERAL DO JARDIM PÚBLICO, RIO CLARO - 2004



O Jardim Público (Foto 1), constituído de duas praças oficiais e de trecho da avenida 1, constitui, ainda hoje, e com mais importância, uma importante estrutura espacial no centro histórico da cidade, tendo em vista à carência de áreas verdes/espços públicos e a intensificação do uso do solo e a saturação das vias públicas. Essa área se complementa com a Praça da Liberdade.

A vegetação atual não é a original, porém é bastante significativa e notável, dando a praça uma peculiaridade pela sua densidade, com arborização primária de dossel alto e fechado e sub-bosque com profusão de indivíduos arbustivos, herbáceos e rasteiros à semelhança da paisagem brasileira nativa. Na foto 2, evidencia-se um recanto de paisagismo de influência francesa.

As vias que circundam o Jardim Público são de tráfego intenso, com prioridade para os veículos em detrimento dos pedestres, inclusive nas esquinas com semáforos onde não há tempo para a travessia de pedestres (Foto 3). O Jardim foi reduzido em todo o seu perímetro para aumentar as vias de circulação de veículo, criando faixas de estacionamento, inclusive de táxis. Localizando-se na pletera do centro histórico e comercial e de serviços, é muito utilizado com amenidade, momentos de descanso, ponto de encontros e travessias mais amenas devido ao micro-clima criado. Sua utilização se dá mais no período comercial dos dias úteis. Contraditoriamente, há poucos bares, restaurantes e sorveterias que atraíam pessoas nos outros períodos, à noite e às tardes do sábado e do domingo.

Embora o Jardim Público seja ainda uma estrutura urbana de boa qualidade e valorizada pela população, há pequenos problemas (Foto 4) que poderiam ser facilmente resolvidos pelas administrações municipais, com pequenas melhorias, melhor gestão, controle do uso do solo, priorização das atividades cívico-culturais e dotação de mobiliário urbano adequado.

## QUADRO 2 – CARACTERIZAÇÃO DA PRAÇA JOSÉ BONIFÁCIO PIRACICABA - 2004



A praça José Bonifácio é um bom exemplo em que se pode ver como no Brasil, praças e jardins se confundiram. Neste caso, por ter mais espaços abertos seria predominantemente uma praça no sentido tradicional, mas incorpora o verde, certamente imposto pela condição climática e seu desenho de caminhos entrecortados, separados por fontes d'água e canteiros, elementos típicos da estrutura espacial do jardim. Foto 1 – Detalhe da Praça José Bonifácio: Fonte Luminosa e Catedral de Santo Antônio ao fundo.



Os grandes espaços abertos propiciam muitas manifestações, algumas com propósito comercial, mas evidenciando uma cultura popular bem próxima das atividades que se exerciam na praça medieval européia. Nesse específico caso da visita de campo (Foto 2), trata-se de um vendedor de remédios milagrosos que “curam” quase tudo.



Embora desprovida de brinquedos infantis (playground) a demanda fez com que surgisse atividades informais e artesanais para atender as crianças. É desnecessário ressaltar que se trata de importante fonte de renda de pessoas necessitadas. Verifica-se também um sorveteiro ambulante, apesar dos bares e sorveterias nas ruas lindeiras, bem como um pintor que realiza e vende seu trabalho na praça (Foto 3).



A revitalização da praça feita em 1980 incorporou ruas lindeiras à praça aumentando o seu espaço ao mesmo tempo em que, em função das atividades exercidas nos prédios destes logradouros, criam escalas de aglomeração (Foto 4). São estruturas que atraem gente com interesses comuns – o lazer. É necessário, no entanto, restringir o comércio similar na própria praça para que não se faça concorrência desigual e se desestimele essa atividade no entorno.

Fonte: Fotografias de BRAGA, Roberto – 25 de março de 2004.  
Elaboração dos autores, 2004.

### QUADRO 3 - PRAÇA CEL. PAULINO CARLOS - SÃO CARLOS - 2004



A praça é caracterizada principalmente por sua densa vegetação – trata-se de um bosque, portanto, um jardim, com caminhos que se entrecortam e dão acesso aos vários pequenos recantos providos de bancos (Foto 1). Apresenta como inconveniente a alta declividade do terreno. O ponto de ônibus na Av. São Carlos é um dos mais concorridos. O fato de situar-se em frente à Catedral e à sede da Prefeitura Municipal, a elege como espaço bastante visitado da cidade.

As ruas internas são bastante sombreadas o que torna o local interessante para caminhadas e relaxamento no contacto com o verde. São revestidas de pedra portuguesa vermelha comum na região de São Carlos. Na foto 2, vê-se um chafariz fora de uso. Os indivíduos vegetais, bem como todos os elementos da estrutura de um espaço público devem ser pensados considerando-se a sua manutenção, recursos financeiros e humanos (Foto 3).

A face sul da Praça Paulino Carlos onde confronta com a rua Treze de Maio está invadida por quiosque de alimentação e estacionamento de automóveis (Foto 4). É questionável que um espaço público, um bem de uso comum do povo, seja coletivizado e/ou privatizado, principalmente por interesse comercial, em detrimento de sua finalidade pública. Ademais, esses usos se apropriam de uma renda fundiária de um bem público, fazendo concorrência desleal com os comerciantes que estão alojados em edifícios com pesados encargos - aluguéis, impostos, etc.

Fonte: Fotografia de FRANCISCO, José, 01 de abril de 2004.  
Elaboração dos autores, 2004.

## QUADRO 4 – CARACTERIZAÇÃO DA PRAÇA CEL. SALES, SÃO CARLOS – 2004



A praça Cel. Sales se complementa com a Cel. Paulino Carlos que tem estrutura espacial e função de jardim. A vista da Praça Coronel Sales junto a Avenida São Carlos (Foto 1), mostra a última reforma quando espaços abertos foram privilegiados, com terraplenos em um terreno de significativa declividade. Essas mudanças aconteceram desde sua fundação. A partir de 1900 foram aí construídos o Fórum e a Cadeia num único edifício. De 1901 a 1904 foi construído o Grupo Escolar Paulino Carlos. A partir de 1926 a praça começa a sofrer constantes modificações e em 1939 é construída uma “pérgula” onde existia a antiga Câmara Municipal na face sul.

O Grupo Escolar Paulino Carlos comunica-se com a praça (Foto 2). Na última remodelação da praça Cel. Sales meados dos anos de 1980 (reinaugurada em 1988) houve o fechamento de uma rua que margeava a escola e interligava as ruas laterais.

A face sul da atual Câmara Municipal, edifício iniciado em 1900 para sediar o Fórum e a cadeia (Foto 3). A declividade do sítio levou a adoção de planos horizontais diversos, como também se pode observar nas duas fotos anteriores.

Afastada da concentração de lojas e de pessoas a Cel. Sales é ociosa, tendendo a perder sua função para outros espaços. A Foto 4 mostra trecho do Ribeirão do Gregório que foi canalizado para sua incorporação à Praça do Mercado. Na obra acabou-se por fazer um piso elevado, no centro, funcionando como local de discurso. No lugar das árvores, que foram retiradas, plantou-se paineiras. É provável que esse espaço ganho ao ribeirão deva se transformar na praça cívica da cidade em substituição à Cel. Sales. Esse local é hoje em São Carlos o de maior afluxo de pessoas por situar-se defronte ao Mercado Municipal e em área com predominância comercial.

Fonte: Fotografias de FRANCISCO, José, 01 de abril de 2004.  
Elaboração dos autores, 2004.

**Bibliografia:**

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense, 1989.

DIAS, G. **Praça José Bonifácio: mutação e percepção de um espaço urbano**. Campinas: PUC-Campinas – FAU, 1984.

HABERMAS, Jurgen. **Mudança estrutural na esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

POMPERMAYER, Rosa Maria Tolini. **Espaço urbano de Piracicaba: sua ocupação e evolução**. UNESP/Rio Claro, 1998. (relatório de pesquisa).

SALDANHA, Nelson. **O jardim e a praça**. São Paulo, Edusp, 1993.

SEGAWA, Hugo. **Ao amor do público: jardins no Brasil**. São Paulo, Fapesp, Studio Nobel, 1996.